

Simpósio

Imagem é diferencial entre empresas

Globalização e competitividade exigem mais investimentos em comunicação, dizem assessores reunidos em Londrina

Carina Paccola

A imagem da empresa diante da sociedade é o grande diferencial competitivo numa economia globalizada, em que até os padrões de qualidade se nivelam. A afirmação, do diretor de comunicação empresarial da Odebrecht S.A., Márcio Polidoro, foi apresentada ontem no 5º Simpósio Aberje de Comunicação Empresarial, promovido em Londrina pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial.

A preocupação com a imagem faz parte da política de comunicação hoje adotada pelas grandes empresas e que começa a ser disseminada em todos os níveis da sociedade e entre estudantes de Comunicação. Polidoro falou sobre *Imagem Institucional como Fator de Competitividade*. A Odebrecht recebeu o prêmio Aberje 95 na categoria Empresa do Ano em Comunicação Empresarial.

"Com a rápida evolução tecnológica, quem tem informação tem poder. Não dá para ignorar esse processo. Ou você acompanha ou fica para trás", afirma Polidoro. Segundo ele, a empresa deve zelar pela sua imagem como cuida do seu patrimônio.

"De dez anos para cá mudou a relação das empresas com a sociedade. Hoje as pessoas têm acesso ao que se passa no mundo e elas cobram produtos e serviços de melhor qualidade, com segurança, que preservem o meio ambiente. E não basta produzir dessa maneira, tem que mostrar que produz".

O assessor corporativo de comunicação social da Brasmotor, Rodolfo Guttilla, apresentou durante o Simpósio a experiência do grupo Brasmotor, o uso de publicações e outros instrumentos de comunicação com funcionários e a mensuração de resultados. Segundo ele, há pouco tempo havia



Nassar: "Públicos diversos"



Guttilla: "Concorrência dura"



Polidoro: "Produção exposta"



Marilene: "Portas abertas"

uma relação incestuosa entre as empresas e o poder, com leis protecionistas. Com a abertura do mercado, não se admite produtos que não atendam às exigências do consumidor.

"A globalização trouxe a con-

corrência dentro de casa. Acabou a proteção. Se quiser produzir com qualidade, vai ter que mudar de fato. Não basta adotar programas de qualidade de fachada. Nenhum certificado ou documento que carimbe a empresa como

Liminar

Bancários derrubam imposto sindical

Carmem Murara
Sucursal de Curitiba

O juiz da 7ª Vara da Justiça Federal, Alvaro Junqueira, concedeu liminar contra a cobrança do imposto sindical dos bancários. A decisão, tomada na quarta-feira, foi considerada inédita em todo o Estado. Ela vai permitir que mais de 20 mil bancários da Região Metropolitana de Curitiba possam receber de volta o dinheiro descontado do tributo.

O imposto sindical é a taxa anual descontada de todos os empregados do País. A alíquota representa o valor de um dia de

serviço prestado de cada um dos trabalhadores. Do total arrecadado, 60% fica com o sindicato, 20% vai para o Ministério do Trabalho, 15% vai para a Federação para cada um dos filiados, quando a ação terminar.

Por enquanto, o dinheiro do imposto ficará depositado em juízo até que seja julgado o mérito da ação, o que pode levar até dois anos. O total

arrecadado entre os bancários é de R\$ 500 mil. A parte que cabe ao sindicato é de R\$ 300 mil. A entidade ainda não sabe como vai fazer para devolver o imposto para cada um dos filiados, quando a ação terminar.

O diretor de Finanças do sindicato, Pedro Eugênio Leite, diz que a decisão da Justiça representou uma conquista a uma antiga reivindicação. "Somos contra o imposto sindical, porque ele representa a interfe-

rência do governo na nossa base", afirmou. Leite acredita que o tributo faz com que os sindicatos se acomodem, porque os diretores sindicais não precisam contar com a participação dos associados. O imposto é descontado das pessoas independentemente de elas serem ou não filiadas ao sindicato.

O Sindicato dos Bancários espera que a decisão da Justiça Federal abra uma discussão pública para rever o tributo. Além de Curitiba, o Sindicato dos Bancários de São Paulo também conseguiu uma liminar contra a cobrança do imposto sindical.



INFORME

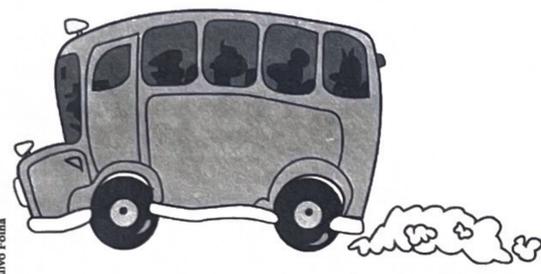
BETE FAGUNDES

Criou-se a frente parlamentar da erva-mate, depois da denúncia de que os acordos assinados pelos países do Mercosul impedem a entrada do produto brasileiro na Argentina até o ano 2030, enquanto as importações crescem (foram 4,4 milhões de toneladas em 1994 e 15,8 milhões em 1995).

Erveiteiros do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul flagraram o "descuido" do governo brasileiro, formaram logo a frente parlamentar com as bancadas federais dos estados e agora tentam impor medidas de proteção, de interesse da cadeia produtiva nacional.

Quem coordena o movimento dos ervaiteiros é o deputado Elias Abrahão (PMDB-PR). Semana que vem eles levam um documento ao presidente Fernando Henrique.

Na celebração dos protocolos, importações da Argentina e do Paraguai são feitas sem qualquer restrição.



Raffiné

Três jolies o convite para a cerimônia da pedra fundamental da fábrica da Renault em São José dos Pinhais, hoje, na BR 277/km 69. É pessoal e intransferível - deve ser apresentado no acesso à cerimônia. Traz texto em português e francês, pede traje passeio completo e destaca os donos da festa: o governador do Paraná, Jaime Lerner; o presidente da Renault SA, Louis Schweitzer; e o prefeito de São José dos Pinhais, João Batista Ferreira da Cruz. A programação vai das 11h30 às 14h30, com descerramento da placa, coletiva à imprensa e almoço no próprio local. Todos saem depois de "jardineira" para uma visita à cidade de Curitiba.

Chinês na linha

O secretário-geral do Conselho de Estado da China Comunista, Luo Gan, desembarca em Foz na terça-feira para uma visita à Usina Hidrelétrica de Itaipu. Luo também vai a Brasília assinar com o presidente Fernando Henrique o protocolo de construção conjunta de um satélite.

O interesse por Foz justifica-se: os chineses levantarão a maior hidrelétrica do mundo na Província de Hubbei, no Rio Amarelo (Yang Tsé). A usina Três Gargantas vai gerar, a partir do próximo século, 5 milhões de quilowatts a mais que a Itaipu - a potência instalada da brasileira que perderá o posto de 1º do Mundo de 12,6 milhões de quilowatts.

Novos tempos

Para o Brasil da modernidade, a Johnson & Higgins traz um seguro que protege empresas e executivos de prejuízos provocados por falhas de gestão administrativa. O Directors & Officers Liability garante o pagamento de indenização e despesas advocatícias em caso de processos movidos por acionistas, fornecedores, concorrentes, sindicatos ou mesmo clientes contra os administradores da companhia. A apólice também assegura o patrimônio pessoal dos administradores.

Pesquisa realizada em 1995 pela Wyatt Company, empresa americana líder em gerenciamento de riscos, mostra que o custo médio nos EUA para defender casos de falhas administrativas é de US\$ 9 milhões.

Como privatizar a Copel

"Colocar as ações da Copel ao alcance da população, no momento em que se cogita a privatização da empresa, é a melhor solução", afirma o deputado federal Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR). Considerada a melhor empresa do setor energético nacional, a Copel detém o menor nível de endividamento do setor, possui a melhor rede de transmissão e produz 100% da energia consumida no Paraná.

Por que, então, não convidar os consumidores, contribuintes do Paraná, a serem seus acionistas? - pergunta o deputado, sugerindo que o processo seja feito através de um simples cupom destacável, da própria conta da luz, colocando à disposição do cliente um lote de ações, entre R\$ 500 e R\$ 5 mil, financiando em até 15 prestações, por exemplo.

Novos IRPJ Empresas tributadas pelo lucro real só poderão fazer a declaração do Imposto de Renda via disquete e em reais, não mais em Ufrs. São as principais novidades para a declaração de rendimento do IRPJ/96. O especialista Moacyr Maran estará em Londrina no dia 11 com seminário sobre o assunto. Informações pelo fone (043) 324-5510.



Joelmir Beting

"Para a empresa excelente, a mudança é a única coisa permanente."

Tom Peters, consultor americano.

Paraná acelera

Gigante da indústria automobilística européia, a Renault francesa lança, hoje, em São José dos Pinhais, perto de Curitiba, a pedra fundamental de sua primeira montadora no Brasil. Um lançamento com pelo menos 25 anos de atraso, suspira o presidente mundial da Renault, Louis Schweitzer, hóspede de honra do governador Jaime Lerner.

O projeto nasce com mania de grandeza. A Renault pretende capturar um décimo do mercado brasileiro no quarto ano de operação direta. A fábrica foi projetada para produzir 120 mil carros por ano (da linha Mégane), a partir de abril de 1999. Acontece que o mercado interno pode dobrar de tamanho até o ano 2001. Basta crescer 12% ao ano até lá.

A fábrica vai custar US\$ 760 milhões. Atividades terceirizadas, ao redor da fábrica, exigem outros US\$ 250 milhões. Pelo menos 19 fabricantes franceses de autopeças estão reservando espaço no cinturão da montadora. São 20 módulos de 5 mil metros cada. A Renault ganhou um terreno de 2,5 milhões de metros quadrados. Os parceiros franceses desse regime de pro-

dução (rotulado de subsistema-tização) devem trazer para o Paraná mais US\$ 240 milhões. E a rede distribuidora da Renault, hoje representada por 28 importadoras, saltará para 220 concessionárias até o ano 2000. São mais US\$ 270 milhões de investimentos.

O Paraná ganhou a Renault a partir de uma engenharia financeira do tipo ovo de Colombo: ofereceu participação de até 40% no capital exigido pelo projeto. Essa era uma cobrança política dos sindicatos franceses. E a Renault ainda é uma empresa estatal. Em 1994, o governo francês reduziu sua participação de 79% para 51%, através de oferta pública de ações. As ações despencaram e isso interrompeu a contagem regressiva da privatização, por tempo indeterminado.

Para bancar esse lance (não pensado pelos governos de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), o Paraná já contava com um bom cacife: o Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE), com carteira de R\$ 1,3 bilhão aplicada em mais de 400 empresas. O futuro ICMS da Renault e de fornecedores locais será replicado no

Secos & Molhados

Da logística

Para o secretário do Planejamento do Paraná, Cássio Tanigushi, a produção já globalizada do automóvel exige uma logística de transporte afiadíssima. A Renault espera desfrutar de rodovia, ferrovia e porto de alto padrão. Além de uma crescente base de telecomunicação.

Da nova era

Cássio Tanigushi fala do nascimento, nesta sexta-feira, de uma nova era para o Estado: a industrialização com tecnologias de ponta. A tal de "vantagem de chegar atrasado". O Efeito Renault somase ao Efeito Volvo, montadora de caminhões e ônibus, perdo de Curitiba.

Bom endereço

A localização estratégica do Paraná no eixo do futuro Mercosul ampliado - sem perder distância do poderoso mercado interno da Região Sudeste - também seduziu a equipe de Louis Schweitzer. Técnicos franceses estagiaram no Paraná desde outubro. Em sigilo.

Fila indiana

Sem dar nomes e números aos bois, assessores de Jaime Lerner garantem que três outras montadoras retardatárias estão realizando sondagens estruturais e institucionais no Paraná. Ainda o Efeito Renault: se os franceses fizerem essa opção... Francês é chato.

próprio FDE. E mais: nada menos de 11 fundos de pensão estão oferecendo parceria no projeto. Já está sobrando capital na parada.

O governador Jaime Lerner diz à coluna que algo mais pesou na decisão da Renault: o perfil de qualidade de vida de Curitiba e

do Paraná. Lerner discursa: "Esse diferencial intangível passa a ter um peso crescente no mapa-múndi das empresas multinacionais. Virou exigência de seus executivos. E das senhoras dos executivos. Pois nessa matéria Curitiba é uma metrópole diferenciada na paisagem social do Brasil."